

Entrevista 1

A – Entrevistador

B - Entrevistado

A - Depois de concluir o Processo de RVCC, continuou a estudar?

B – Sim...

A- Então, conte-nos que formação tirou ou de que forma é que continuou a estudar.

B – Depois de concluir o processo RVCC concluí uma formação profissional de contabilidade e administração e depois ingressei no curso na universidade do Algarve, no curso de engenharia civil à noite, através dos maiores de 23.

A – E foi logo a seguir de ter concluído cá o 12.º ano?

B – Exacto, concluí cá o 12.º ano em Maio e nesse mesmo ano candidatei-me à Universidade e fiz acesso à prova Maiores de 23.

A – E o que e que achou da prova? Acessível, nem por isso...?

B – Fácil...sim, achei fácil...

A – E porque é que decidiu continuar a estudar?

B – Eu sempre tive o desejo de um dia estudar, aliás, o próprio ingresso aqui nas novas oportunidades já foi um início...tinha necessidades, tinha deficiências na minha formação que eu já não conseguia recuperar, só mesmo através da experiência profissional, só voltando para a formação e foi daí que nasceu a minha vontade de voltar para a escola.

A - De que forma é que acha que o facto de ter ingressado na formação em contabilidade e administração poderá ser uma mais valia para a sua vida, assim como o facto de ter ingressado no curso de Engenharia?

B - Até à data, só o conhecimento acumulado... só isso...

A – Mas acha que tem servido, por exemplo, para a sua profissão?

B – Não, ainda não, nessa altura... porque estamos numa altura difícil, mas penso que irei colher os frutos num Futuro...

A – Ok, disse-me há pouco que a mais-valia tem sido o acumular de conhecimentos. Acha que esses conhecimentos têm servido para aplicar na sua profissão?

B – Com certeza!

A – Dê lá um exemplo.

B – Por exemplo, a nível de áreas e dimensionamento, tenho outra noção... mesmo que não está directamente ligado, está sempre indirectamente. Por exemplo, eu trabalho numa Etar, já sei o que é um PH, um ácido, uma reacção... e consigo aplicar na prática e perceber esses conhecimentos. Sim, porque eu não trabalho em laboratório, nem faço cálculos, sou operador de Etar, mas consigo ter outra visão, uma visão mais abrangente do meio onde estou trabalhando, graças aos conhecimentos adquiridos nas formações.

A – Você acha que se não tivesse concluído a certificação de NS ia na mesma para a universidade?

B – É difícil saber isso... Obviamente que aqui no CNO eu fui muito motivado pelos formadores, tomei conhecimento, inclusivamente, dos maiores de 23 aqui no Centro, é certo que sim, o facto de estar cá ajudou muito.

A – Você não tinha conhecimento sobre os maiores de 23?

B – Eu já tinha conhecimento da minha capacidade, mas não é a mesma coisa, eu aqui fui inquirido 3 vezes pelos formadores, que me perguntavam porque não continuava a estudar, tomei conhecimento aqui dos maiores de 23, e foi assim, tudo ajudou muito...

A – Você não tinha conhecimento dos maiores de 23?

B – Eu já tinha conhecimento da minha capacidade em ingressar na universidade, não tinha era conhecimento dos programas, dos cursos nocturnos, fui inquirido aqui 3 vezes pelos formadores... Na primeira vez perguntaram, “Sr.º João(nome fictício), o que é que acha, quando acabar aqui o processo de NS vai para a Universidade”? Aí eu disse: “ai não sei, tenho que ver como é que é, tenho que trabalhar e estudar, não sei se dá... eu não quero trabalhar à noite” e aí ele disse: “Mas você pode estudar à noite” e foi aí que eu comecei a informar-me a sério sobre o assunto.

Obviamente, não posso dizer que este conhecimento não teria chegado a mim posterior, mas a verdade é que foi aqui que eu decidi avançar. A princípio, posso dizer que eu fui impulsionado aqui no Centro, se bem que eu já tinha alguma vontade, mas faltava alguma iniciativa...

A– Hoje em dia, depois de concluir o NS e de ingressar na universidade, qual é a importância que dá à Educação e à formação, vê-a de forma diferente do que, por exemplo, há 3 anos atrás?

B – Obviamente que hoje dou muito mais valor. Quando se aprende como é que as coisas funcionam, evidentemente que cai uma máscara de achar que sabe, mas daí a passar realmente a saber tudo. Obviamente que se abre novos mundos, abrem-se muitas janelas que a gente imaginava assim uma coisa muito simples, muito fácil e afinal tá ali muita ciência, muito conhecimento, muito estudo de determinadas questões, que só estudando é que a gente aprende.

A – E neste momento, sente-se realizado profissionalmente?

B- Profissionalmente não!...

A – E acha que o facto de ter o 12.º ano e estar a frequentar um curso superior poderá facilitar a arranjar um trabalho que o realize?

B – Como eu disse anteriormente, devido à conjuntura não está fácil de arranjar muita coisa, o mercado de trabalho está muito contrariado e não delego isto à formação, mas sim ao mercado de trabalho, não está fácil arranjar trabalho. Eu tenho muita experiência de trabalho daqui e dali e de formação também, e a minha ideia é juntar tudo com o 12.º ano e com o próprio curso, porque hoje em dia até mesmo com o 12.º ano já não é muito fácil arranjar trabalho.

A – Está em que ano do cursos?

B – no 2.º ano...

A – Concluí o primeiro ano? Fez todas as cadeiras?

B – Deixei duas do primeiro ano, mas fiz as duas no semestre passado...

A – Muito bem... E no seu trabalho, como é que o vêm? O facto de ter o 12.º ano e estar na universidade dão-lhe mais credibilidade por isso?

B – ah... Dá azos a mais brincadeiras, mas credibilidade...só de acordo com...ah... como é que eu hei de dizer...com a pessoa em si... vêm me como uma pessoa com mais responsabilidade, com mais dedicação ... Mas em relação aos conhecimentos...eu trabalho num meio, aliás e na construção civil também, é uma área em que normalmente as pessoas têm poucos estudos e obviamente que eu sou visto de uma forma diferente. Consigo com os conhecimentos que eu tenho desempenhar as minhas funções de maneira que se destacam das dos meus colegas... concerteza.

A – E é reconhecido por ter mais formação?

B- hum... eu acho que o reconhecimento era em dinheiro... risos...

A – Nessa Parte não é reconhecido?

B – Ora bem nesse caso não...

A – o facto de ter formação e frequentar o ensino superior, acha que poderá levar a subir dentro da empresa ou a desempenhar outras funções na empresa?

B – Obviamente que dá uma vantagem, dá uma vantagem em relação aos outros, mas hoje tudo depende da situação económica do país. O carácter profissional conta muito, eu na empresa onde trabalhava via um senhor com o 12.º ano que era o director da empresa, do sector onde eu trabalhava e depois os engenheiros estavam abaixo dele, por isso é que eu acho que o carácter e o profissionalismo são muito importantes...

A – o facto de ter mudado de profissão, quando acabou aqui o 12.º ano, teve alguma coisa a ver com as suas habilitações? Uma vez que antes trabalhava na construção civil e passou para operador de etar?

B – Não, foi mesmo necessidade...O sector da construção deu uma queda muito grande e como eu trabalhava por conta própria não tive condições de trabalhar na mesma área...

A – E o facto de ter adquirido o 12.º ano, acha que facilitou para ingressar noutra profissão? Aprendeu alguma coisa útil para a profissão, por exemplo a nível da informática?

B - Bom... Muitos conhecimentos que trouxe do 12.º ano já nos tinha, mas outros aprendi em Português, informática, hum... o Office, o Word, nunca tinha tido contacto nem sabia como funcionava...

A – E a nível, por exemplo de auto-estima ...

B – Ah, aí nem é preciso falar, isso aí é imediato, quando me formei aqui no centro nos éramos 5 e só um é que não quis continuar na universidade, só ele tava contente com a vidinha que levava, ... era o nosso amigo cozinheiro...risos...o chefe...dos outros estavam todos motivados para continuar e isso sim...

A – Acha que o 12.º ano ajudou-o a ter mais auto-estima e confiança para continuar a estudar?

B – Com certeza...Penso que o penso forte e o mais evidente do processo de NS é subir a auto-estima...

A – Ainda mais tendo o Sr.º João 82 créditos, até à data o melhor desempenho de sempre...risos.... O máximo até hoje foi 68 créditos, por isso já quer dizer muita coisa...

B – Risos...

A – Voltando ao tema das TIC, então quando veio para cá, não dominava o computador?

B – É assim, eu já sabia alguma coisa, mas durante o processo obrigou-me a trabalhar muitas horas, horas não, dias e meses de trabalho...Obviamente com a repetição dá para melhorar muita coisa... mesmo que eu já soubesse alguma coisa, melhorei mesmo muito...

A – Uma vez que o processo implicava muitas horas de trabalho, como fazia para conciliar com a sua vida profissional e familiar? foi fácil ou nem por isso?

B – Muitas vezes sentava-me à noite na sala e frente ao computador, com a família ali...

A – A nível de gestão familiar, tinha quem lhe pudesse apoiar com os filhos e com as tarefas domésticas?

B – Eu nunca tive muitos problemas de concentração, eu fazia os trabalhos mesmo com as crianças ali ao pé brincando, foi fácil porque só tinha que falar daquilo que sei e que faço, pois e fosse falar de outra coisa, aí levava mais tempo...

A – Quanto aos seu filhos, como eles estão em idade escolar você costuma acompanhá-los nos trabalhos de casa?

B – Com certeza!

A – Já fazia esse acompanhamento antes de concluir o 12.º ano?

B – Não nessa altura não...

A - Então quando é que começou a fazes esse acompanhamento?

B – Agora acompanho mais...

A – E porquê que só agora?

B – O meu pai sempre dizia, “filho, vai estudar, se não você vai sair ao pai” e eu não ligava. Hoje, eu quero ter a certeza que eles vão ter um futuro melhor do que o meu e eu só acredito que isso é possível através deste acompanhamento.

A– E este pensamento foi mais agora, depois de ter o 12.º ano e entrar na Universidade ou sempre pensou desta forma?

B – É claro que agora penso mais desta forma... Eu penso que se coneguei entrar na universidade, trabalhando e sendo pai de 2 filhos, por isso eu vou fazer tudo para os meus filhos conseguirem também. Se eles conseguirem antes, na idade certa, novas sem estarem trabalhando, melhor ainda...

A – E acha que o 12.º ano e a universidade deram lhe mais competências para ajudar os seus filhos nos trabalhos de casa?

B – Com certeza, eu ajudo o meu filho na matemática e ele é barra em Matemática, está sempre á frente na turma dele, no comportamento não, mas nos conhecimentos de matemática é o melhor, eu estudo com ele e tá à frente da matéria, quase sempre, por vezes até acho que não é muito bom, depois ele anda um bocadinho desanimado, pois como ele já sabe o que a professora ta ensinando, porque os conhecimentos que eu tenho passo para ele e acompanho em tudo aquilo que eu consigo.

A – Dos temas todos que falou no processo RVCC, qual foi o que aprendeu mais coisas, que lhe despertou mais interesse?

B – O objectivo não é propriamente aprender, se bem que a gente aprende sempre, mas de todos aquele que me ensinou mais foi a cidadania e profissionalidade, acho que se

aprende muito, muitas situações que eu ia escrever no trabalho, depois tive de abandonar porque não tinha experiência para fazer aquele trabalho, pois naquele momento eu não tinha tido uma postura mais correcta, a tinha de mudar de tema, e com isso aprende-se, aprende-se o quanto se está errado...

A – Por exemplo, em AS, foi um tema novo para si?

B – Não totalmente...mas o meu maior contacto com o ambiente foi aqui em Portugal, vivia no Brasil numa cidade do interior, não tínhamos esses cuidados... E as perguntas também ensinam, mesmo que a gente não faça aquilo, já aprende qualquer coisa, sobretudo quando tem uma pergunta e a gente não tem resposta, aprende-se com aquilo também.

A – Acha que este tema ajudou a pessoas a sensibilizarem-se e a tomarem consciência e a terem atitudes mais correctas com o ambiente?

B – Sim, com certeza...

A – Então a reciclagem e separação de resíduos já fazia antes de ingressar no processo rvcc?

B – Eu fiz uma vez, antes de vir para Portugal eu morei numa ilha e aí a gente fazia a reciclagem, mas a reciclagem no dia-a-dia foi mesmo aqui em Portugal que eu comecei a fazer, quando vim para o processo de RVCC.

A – não sei se se recorda, mas no tema de Gestão e Economia foi-lhe pedido para fazer uma tabela, com as receitas e despesas dos seu orçamento familiar.

B – Sim, lembro-me...

A – Já alguma vez tinha feito essa organização do orçamento familiar?

B – Da minha vida pessoal, não...

A – E acha que ajudou a pensar e reflectir?

B – Sim, hoje eu já faço, não faço assim tão organizado como fiz aqui, mas mentalmente sigo o mesmo raciocínio. Primeiro porque hoje o meu ordenado está mais baixo, as despesas estão aumentando, e se não for organizado, o dinheiro não chega

A – Acha que o processo pode lhe ter ensinado a planificar melhor o orçamento?

B – Sim, ajudou sim...

A – Por exemplo, o pagamento dos seus impostos, como tem feito? Internet, contabilista?

B – Isso aí ainda não fiz na internet, pago a um contabilista e ele faz isso.

A – E acha que o processo por ter exigido conhecimentos de informática faz com que as pessoas passem a utilizar mais as TIC, por exemplo para o pagamento dos impostos?

B – Não sei, não sei, sabe que hoje a internet transmite desconfiança...

A – Em termos de hábitos de leitura, costuma ler? Já lia nos seus tempos livres?

B – Sim

A – Que tipo de leitura?

B – Livros de engenharia, agora...mas antes gostava de ler os romances históricos, que no meio daquela bobagem ainda se aprende um pouquinho de história, leio sempre jornais, a Focus, revistas científicas...

A – Acha que aumentou os seus hábitos de estudo depois de ter o 12.º ano e ingressar na universidade?

B – Com certeza, aquilo que eu li antes, não lia muito cerca de 4 livros por ano, era banalidade, não tirava nenhum conhecimento daquilo, ou era um conhecimentozinho distorcido pelos autores, mas hoje não, leio livros científicos porque eu quero mesmo aprender e já não leio mais os romances bobos, sou mais exigente no que escolho para ler.

A – Disse anteriormente e muito bem que o objectivo do processo não era ensinar, contudo, aprende-se sempre alguma coisa. Por exemplo, com as pesquisas que fez, acha que aprendeu alguma coisa?

B – Ninguém consegue concluir o processo sem fazer uma pesquisazinha, mas as pesquisas que eu fiz foi sempre como um complemento, eu não tirava conhecimento, porque o conhecimento já eu tinha e era colocado tal e qual no papel, conforme eu sabia e fazia no meu dia-a-dia e a pesquisa complementava, era a parte teórica e eu até aprendi com isso sim.

A – Consegue dar um exemplo?

B – hum...aquilo das ondas electro...electromagnéticas, eu sabia explicar, através do telemóvel, mas alguns termos técnicos eu não sabia, e aí tive de fazer pesquisa.

A – Em termos de contacto com o computador, pertence a alguma rede social?

B – é, mas não ligo muito, já liguei mais, eu tenho uma conta no Facebook e no Courte...

A – muito bem, e já pertencia a essas redes antes de vir para o processo?

B – Já....

A- Para que fins utiliza essas redes?

B – hoje é para trocar informações da escola, para esse tipo de coisa...

A – Ainda há pouco falou da cidadania que o ajudou muito a reflectir, acha que esta área poderá mobilizar as pessoas para o associativismo, para o associativismo?

B – Com certeza, Com certeza! Primeiro porque essa área foi aquela que eu deixei mais trabalho em branco, e aí sempre quis completar, ficou o desejo... hum...Eu nunca fiz parte de uma associação, por exemplo, nem da política, nunca participei num debate público, e esse foram alguns dos 4 que eu deixei em branco e eu não queria, eu queria ter completado aqueles trabalhos também. A mim despertou-me interesse em um dia puder ter feito essas coisas, por exemplo eu não votava e foi na cidadania que eu tive a consciência do mal eu fazia, agora não, nem que eu vote em branco, mas voto.

A – E acha que essa atitude foi despoletada pela cidadania?

B – Sim, sim, com certeza!

A – Pertence a alguma associação neste momento?

B – Não por falta de tempo, não é por falta de sensibilização... ou por falta de jeito, não sei...mas a vontade está lá.

A – Então e depois de concluir o 12.º ano, que projectos desenvolveu na sua vida?

B – Foi a universidade e a tal formação, que eu já queria ter feito há algum tempo...

A – Recorda-se que após concluir o processo prendeu um plano com projectos futuros. Recorda-se o que colocou nesse plano?

B – Não me lembra, se foi a universidade...Mas foi, foi sim, já me lembro que eu coloquei que queira entrar na universidade.

A – O ter concluído o 12.º ano e ingressar na universidade despertou o interesse de algum familiar?

B sim, minha mãe se inscreveu logo a seguir para concluir o 9-º ano. Eu tive amigos que perguntaram como funcionava...mas n se inscreveram...

A – Mas acha que o *João* poderá ser um exemplo a seguir?

B – Aí penso que sim.